



5 de Março de 1944

O dom de escrever que Deus lhe deu, foi luz que Pai Américo não arrumou debaixo do alqueire. Foi instrumento de que se serviu para rasgar caminhos que, sem este dinamismo de comunicação, não lhe teria permitido chegar tão longe nem levar consigo tantos, felizes pela oportunidade de cooperar no Bem que deveria assinalar a passagem de cada homem na Terra à semelhança de Jesus.

Chegado ao Seminário de Coimbra fez deste dom um exercício, ao pegar na «folhinha» que por lá corria e dar-lhe um sopro que

a tornou «Lume Novo». Exercício para si e para os seus jovens colegas em quem estimulava o gosto e a aptidão para escrever. Não foi só esta, mas certamente foi muito no âmbito desta, a «lufada» que se sentiu naquela Casa da presença deste vetusto seminarista.

Três anos depois de ordenado, ao assumir o ministério dos Pobres a que o seu Bispo o entregou, faz parte do seu exercício pastoral dar contas dele mediante a Crónica do seu «andar por lá...» que o semanário diocesano regularmente publicava. Com isto a sua acção não era a de um «franco

atirador», mas tornava-se verdadeiramente eclesial: abrangente do Povo de Deus que, interpelado, respondia com generosidade crescente, educando-se para a Justiça pela Caridade e alargando o leque de possibilidades para remediar necessidades urgentes.

Sem dúvida que, não fora este comunicar e envolver tanta gente na sua inquietação, Pai Américo não teria alcançado o crédito nem o contexto humano que lhe deu asas para voos mais altos.

Uma data

«**F**AZ agora dois anos que eu fui por aí abaixo, pedir a quem de direito o livre curso dum jornal. Tinham-me informado que era muito difícil naquele tempo e creio que hoje também, obter licença. Ele é certidões, ele é depósitos, ele é fianças, ele é atestados — um mundo de arame farpado! Mas no caso deste periódico, não. Disse o que queria, por escrito, e por baixo escreveram que sim. Não me canso de agradecer aos senhores que me deixaram e deixam passar livremente. Lembro-me como se fora hoje. Do Terreiro do Paço, mandaram-me aos senhores da Censura. Era tudo gente de armas, ao pé do homenzinho pacífico. Mandaram-me entrar prò gabinete de espera. Ora tinha eu estado ontem, no Porto, na rua dos Pelames, a indagar coisas de um dos meus filhos e trazia na alma a impressão de tudo quanto vira e escutara no casarão de seis andares e suas imediatas vizinhanças! E ao falar com o senhor que me veio atender, não me segurei que não desabafasse. Esqueci-me da pessoa e do lugar. Falei à moda dos apaixonados: — *Um jornal que não tenha medo, meu senhor, e que não engane o povo!*

Houve uma pausa. Fez-se silêncio. O senhor fitava-me. — *Ai, que vou ser preso!*, disse para comigo mesmo! Não fui.

O jornalzinho nasceu auspicioso. Ainda estava no berço e já o público gostava de o

ouvir. Alguns teriam, até, dito, como naquele tempo disseram de Jesus Infante: — *Mas onde é que Ele aprendeu?*, de tão bem que falava!

E tem crescido, sem mudar da opinião que faz de si mesmo, nem os leitores mudam do que dele fazem. Ele fala de experiências. Cada um que fale das suas experiências. Não que elas se comuniquem, mas ajustam-se. Por isso mesmo o Jornal expande-se, é fonte de receita, faz bem às almas.

Este é o nosso ponto de mira: *fazer bem às almas*. É mais fácil, é mais doce, é mais meritório fazer bem do que fazer mal. Como há muita gente no Império que faz o favor de o ler e de o coleccionar (coisa espantosa), O GAIATO esmera-se por dar somente aquelas notícias preciosas que o tempo não desgasta. Ele é verdade que às vezes troca os verbos e erra a pontuação. Mestres há que o têm chamado à pedra, mas como ele é pequenino não toma bem conta da lição, daí os desastres.

Vai agora nos três anos. Botou os primeiros dentes, mas continua no firme propósito de se fazer mais pequenino à maneira que for crescendo, para que em nada se pareça com os «grandes».



O GAIATO n.º 54 de 23/3/1946

No evoluir dos seus trabalhos para uma acção mais comprometida que é a fundação da primeira Casa do Gaiato (1940) e logo, pela exiguidade desta, o pensamento da segunda (1942/43), Pai Américo sofre a necessidade de um «pulmão» proporcionando à nova dimensão da Obra que lhe permita

respirar com o Povo, boca a boca, coração a coração, que tal foi sempre a fonte oxigenante do seu agir. Menos de um ano após o começo em Paço de Sousa, nasceu O GAIATO. E o que ele tem sido e é, para a Obra e para o mundo, neste diálogo vivido desde há cinquenta e oito anos, não é preciso falar

nem queremos ser nós a dizê-lo. Como é hábito de muitos anos, damos neste jornal de aniversário a primazia aos nossos Leitores, que falam da abundância dos seus corações. E não se pense que assim fazemos para nos enfeitarmos de louvores. Temos a consciência bem

Continua na página 4

TRIBUNA DE COIMBRA

O GAIATO faz anos

PARABÉNS! Conheci-o por mão amiga, era eu ainda menino. Alguns anos mais tarde voltei a encontrá-lo às portas da Igreja de Benfica, em Lisboa, num prego que tinha tanto de encantador quanto a voz inocente que o proclamava: — *Compre o Jornal O GAIATO que é p'ra auxiliar a Obra do Padre Américo...*

Andava então inquieto com o rumo que havia de dar à minha vida. Depois, veio o Senhor. Mostrou-me a seara loizante e prendeu-me o coração: — *Eu estava com fome... com sede... nu. Foi a Mim que o fizeste...* Foi a minha entrega. Nesta minha oferta, a vida e o pensamento do Padre Américo revelaram-se uma luz admirável. A leitura e meditação d'O GAIATO uma constante do meu quotidiano pastoral. Foi por ele que conheci a Obra da Rua e me aproximei mais do Mistério de Deus. Quase todos os dias verifico que isto acontece também com muitas outras pessoas, pelo que este aniversário me leva a dar muitas graças a Deus pelo bem que a leitura e meditação do nosso Jornal fazem. Parabéns!

Padre João

Tractor

18/01/2002

AO dar, hoje, uma volta pelos nossos campos de milho carregados de espigas, em companhia do Delegado da Agricultura em Malanje, soube-me bem a sua apreciação: — *Há tanto tempo que não via uma maravilha assim!*

Boa e oportuna a atitude das organizações não-governamentais. Elas estão distribuindo ferramentas e utensílios agrícolas.

Em vez de milho, uma ajuda para o cultivo dos campos. Também é urgente uma lei que regulamente o trabalho e a produção. Trabalho nos campos, em vez dum negócio ilusório com os produtos vindos de outros países.

As baixas dariam arroz, os planaltos milho, mandioca e feijão; as matas, café; o mar, peixe e sal...

Se assim, viriam os navios para levarem as sobras.

O nosso tractor, já cansado, está fazendo lavras para o povo em duas aldeias — em vez de dois, vão colher dez.

O grupo de Rotários do Distrito do Porto — Portugal — prometeu-nos um tractor. Porque esperam? Demora é fome. Mais útil esta oferta que a soja e o milho.

O nosso Caele

20/01/2002

AS grandes carências são, muitas vezes, fontes de grandes ambições. Lembro o nosso Caele: Comia, comia..., nunca se sentia satisfeito. Depois das refeições ia

Malanje

aos campos de milho e assava as suas espigas. Quando havia pão na mesa segurava-o com a mão esquerda e manjava o garfo com a direita.

A propósito, mais uma achega aos nossos rapazes: Roupa, nunca chega; calçado, sempre mais... esconder nas pastas e na primeira ocasião dizer que não tem.

Desejar o necessário, sim.
Ambição desmedida, não.

Ofertas da Sonangol

25/01/2002

ASonangol ofereceu-nos um gerador e uma carrinha Dodge. Embora já usados, que grande jeito nos deram! A nossa gratidão por tão valiosa oferta.

Também aqueles que se têm lembrado nas nossas dificuldades e têm enviado suas ajudas através das nossas Casas do Gaiato ou da Procuradoria das Missões — desejamos muitas alegrias neste novo ano. O Senhor vê e está atento.

Neste novo ano temos mais a preocupação do Lar, em Luanda. Despesas acrescidas; e mais o pagamento de propinas.

Estamos batendo a algumas portas para conseguirmos três bolsas de estudo.

Padre Telmo

Colaboração

NOTA DA REDACÇÃO

Vale a pena destacar parte da carta do assinante 68114, lembrando, «quando era menino, gaiato de pé descalço», ter então conhecido «Pai Américo nas ruas de Coimbra. Não me passa da ideia aquele homem alto, vestido de preto — porque já era Padre — que me matava a fome naquele dia, a mim e a outros miúdos da rua, como eu».

Nota curiosa, é o Fogo destas páginas, produto do coração dos Leitores.

Ouçamos, por isso, mais um, que aí vai, pensando «nas muitas crianças que a prepotência humana não deixa crescer... nem brincar... nem estudar! E ainda a pensar nos mais pobres dos Pobres (os mais amados por Jesus, certamente) que as vossas Casas do Gaiato estão muitas vezes prontas a acolher... a amar... É também um pequeno gesto de gratidão da minha parte pelas páginas do Famoso, semeadas de gestos pequeninos e grandiosos pela sua humildade que muito me fazem reflectir...»

A assinante 6803 segue «com paixão, desde menina, tudo o que respeita à Obra da Rua. O abandono de crianças em todo o mundo é coisa chocante e perversa. Tive a felicidade de ter quatro filhos, hoje todos com vida própria e muito ajuizados. Não suportaria os novos estilos de vida familiar...!»

Apesar da nossa pequenez, dos nossos pecados, vale também a pena referir, acentuar, um período da carta da assinante 32661: «Acabei de receber e ler O GAIATO. Como sempre, vejo nele o Evangelho vivo a interpelar-me.»

Não somos dignos de tanto amor!

bela. Mas o Senhor da dor, é também o Senhor da Alegria e no Céu, 'a bailar junto de Deus', o Tiago será certamente mais uma luz a iluminar estes caminhos do mundo que às vezes são tão íngremes e tão cheios de pedregulhos.

Assinante 69009»

Objectividade e desassombro

«Quero aproveitar a oportunidade para louvar a objectividade e o desassombro de muitos artigos d'O GAIATO, que parecendo uma simples 'folha', ele é para mim um grande Jornal. É pena não ter muitos parceiros na nossa Comunicação Social que exponham assim tantas verdades nuas e cruas com a verticalidade e frontalidade que tanta falta fazem a esta sociedade.

Que Deus vos continue a ajudar sempre neste vosso caminho que,

para o trabalho, sempre me dá um cheque para comprar o que eu quiser. Assim, decidi fazer alguém mais feliz, especialmente vocês que têm uma Obra totalmente dedicada às crianças mais abandonadas, a quem tudo faltou.

Que este ano seja de paz e de maior humanidade, sem guerras santas nem hipocrisias trágicas e demagogas como tem acontecido.

Assinante 40907»

O Senhor nos dê Paz

«Junto a minha contribuição para as vossas acções com os mais desfavorecidos. E são tantas as frentes em que actuais!... E são tantos os necessitados!...

Que a luz de Cristo nos mostre sempre o verdadeiro caminho.

Agradeço O GAIATO que, pontualmente, alegra a caixa do meu correio.



Gaiato

Jornal que faz bem

«Venho agradecer a pontualidade no envio d'O GAIATO que muito aprecio. Espero que continuem sempre, se não mais, com o mesmo êxito, pois é um jornal que faz bem ao nosso espírito. Considero pessoalmente a sua leitura como uma oração ao Senhor.

Assinante 28654»

Amigo de há muitos anos

«É sempre muito bom receber o nosso Jornal que se lê, primeiro dum fôlego, e depois muito lentamente cada página para saborear

todas as lições de vida que delas brotam. Não sei se gostaria que o Famoso fosse maior. Assim está bem. Este é o amigo que leio há muitos anos, embora seja assinante há muito poucos. Aqui não há gaiatos que o distribuam como acontecia em terras mais a Sul onde vivi largos anos. Mas também é agradável recebê-lo em casa, na ocasião certa, como um presente sempre esperado. Desta vez trouxe também a dor, a dor para vós, pais e irmãos do Tiago que ficastes mais sós, mas também para nós que gostamos dos gaiatos e de todos aqueles que generosamente se dão a uma Obra tão

no final, reverte a favor de todos os que gostam e dos que não gostam.

Assinante 69920»

Fazer alguém mais feliz

«É a primeira vez que vos escrevo, embora já há anos seja assinante do vosso Jornal que leio com muito carinho e atenção. Este ano pensei fazer uma pequena renúncia de Natal pela Paz, como bem lembrou e sugeriu o Papa.

Decidi enviar a prenda que me foi dada pelo meu marido. Porque não tem muito tempo, paciência nem disposição para fazer compras e é uma pessoa que vive de e

É o único Jornal que leio até à última linha. E tanto tenho aprendido...!

Que o Senhor nos dê Paz, uma Paz universal.

Assinante 19987»

Leio-o com uma dor no coração

«É com muito carinho que leio este querido Jornal e, com uma dor no coração, por não poder contribuir mais. Porém, não posso, Deus o sabe.

O GAIATO só com quatro páginas é muito rico. Leio-o de ponta

a ponta e fico muito feliz quando pessoas de bom coração e poderes materiais vos ajudam. Deus vos ajude e tenho a certeza que o Pai Américo vos ajuda.

Assinante 21945»

Jornal do educador

«Chegou a ocasião de enviar os euros necessários para assegurar a assinatura d'O GAIATO — Jornal do educador, do evangelizador, do amor — o que nos sugere persistentemente que a partilha é autenticamente cristã. E é para vos escutar que venho a vós com a minha quotização.

Assinante 58306»

A consciência pesa

«— Estou em falta para com O GAIATO! Amanhã tenho de escrever. Venho proferindo a mim mesma esta frase, dia após dia, desde há meses. Muito trabalho? Pouca disponibilidade de tempo? — Não! Apenas desleixo e ingratição para quem me dá tanto, através das suas páginas que leio com avidéz, mas incomodada porque a consciência pesa.

Assinante 61246»

Calor humano e sede de Justiça

«Continuo a ler o vosso Jornal, como se fosse o melhor do País. Não há nele subserviência. Há frontalidade (será que os Juizes do Tribunal de Menores o lêem?). Há tanto calor humano. Há sede de Justiça pelos Direitos da Criança. Há exemplo em todo o terreno. Sinto-me sempre pequenina ao ler muitos dos vossos artigos e a única maneira de não me sentir tão envergonhada é enviar, de vez em quando, um pequeno contributo.

Assinante 29705»

Voz dos jovens

Espaço de aprendizagem e reflexão

«Estranhará, porventura, o facto de ser eu e não a minha mãe a responder. Na verdade, pedi que mo deixasse fazer pois não podia deixar passar a oportunidade de lhe expressar o quanto, à medida que a conheço, admiro a Obra que se realiza nas Casas do Gaiato. Ler O GAIATO é recuperar a esperança e fé na Humanidade, que tantas outras notícias do dia-a-dia nos levam a perder. É também espaço de aprendizagem e reflexão sobre os valores que devem orientar a vida.

«Peço desculpa por só agora me apresentar. Tenho 24 anos e estou a concluir, em Lisboa, a licenciatura em Psicologia.

Gostaria de vos dizer que estou ao dispor d'O GAIATO, disponibilizando-me como voluntária para contribuir onde necessário e puder.

Assinante 72807»

Chegámos a bom porto

«No trabalho, para além das dificuldades no escoamento das casas, o meu sócio abandonou a empresa. Fiquei só, com um barco enorme. Chegámos a bom porto depois de dez meses a

estruturar tudo de novo, sem parar de trabalhar, não perdendo mercado nem capital de confiança que o mercado nos tinha conferido.

Ao rever este filme destes últimos meses, continuo a considerar que sou uma pessoa de sorte. Sempre surge uma solução para que a vida não se altere significativamente. A trabalhar por minha conta, nunca me faltou apoio, nunca me faltaram pessoas a ajudar. E se, de início, tive medo por desconhecer o caminho, hoje tenho medo de perder esse apoio, essas ajudas — se não souber manter-me no caminho.

Assinante 55004»

Pequenina oferta

«Que Deus continue a iluminar-me para que nunca esqueça os meus irmãos

Inquietação sacerdotal

«No espírito do Natal, os cristãos das paróquias a meu cuidado que tiveram a graça de participar nas Eucaristias do dia 25 e que 'beijaram o Menino' fizeram-no a pensar nos meninos mais carenciados, muitos deles apoiados pela Obra da Rua. E pensámos, sobretudo, nos que vivem em África (Moçambique e Angola).

Assim sendo, junto um cheque para apoiar algum projecto que vos pareça de maior interesse, em África.

Desde há muitos anos, ainda estudante, ouvi o Padre Carlos em Braga e desde que pude conhecer a Obra da Rua mais de perto, para tentar conseguir a entrada nela de dois rapazes, fiquei-lhe sempre dedicado. É por isso que a Palavra e o Acolhimento são como semente boa que sempre germina.

Assinante 30824»

mais carenciados. Retiro esta pequenina oferta da quantia em dinheiro que me é dada no dia dos meus anos. Peço desculpa por tão pouco, mas é com muito carinho que o faço.

Bem hajam os que aí trabalham. Deus os ilumine a todos para que não esqueçamos nunca o nosso Próximo.

Um abraço para todos e, em especial, para essas

crianças. Também sou ainda jovem. Tenho quinze anos. E peço a Jesus que as proteja como peço para mim.

Assinante 69434»

dos Leitores

Obra da Rua

Quando era menino...

«Lembro quando era menino, gaiato de pé descalço; conheci então o Pai Américo nas ruas de Coimbra.

Não me passa da ideia aquele homem alto, vestido de preto — porque já era Padre — que me matava a fome naquele dia, a mim e aos outros miúdos da rua, como eu.

Voltei a conhecê-lo já adulto, ainda com uma vida precoce, mas que foi evoluindo, pouco a pouco. Hoje, reformado, pobre como sempre, mas chega para viver de cabeça levantada.

Nas minhas orações rogo a protecção desse Homem extraordinário a quem o País tanto deve...!

Assinante 68114»

A pensar nos mais Pobres

«É sempre pouco o que mando, mas é do fundo do coração que o faço. É ainda a pensar nas muitas crianças que a prepotência humana não deixa crescer... nem brincar... nem estudar! É, ainda, a pensar nos mais pobres dos Pobres (os mais amados por Jesus, certamente) que a vossa Casa do Gaiato está sempre pronta a acolher... a amar... sem esperar qualquer recompensa, a não ser o Bem moral que esse vosso Abraço Universal lhes pode proporcionar! É também um pequeno gesto de gratidão, da minha parte, pelas páginas do Famoso, semeadas de gestos pequeninos e grandiosos pela sua humildade, que muito me fazem reflectir sobre o valor das coisas pequeninas e discretas, que realçam o verdadeiro Valor das maravilhas criadas pelo Senhor. E discretos, silenciosos são os vossos passos, tal como os de Pai Américo e os de Jesus, sempre atentos às

grandes injustiças sociais, oferecendo o perdão e o amor sem quaisquer discriminações! É o perfume do Amor divino que O GAIATO traz a todos os cantos da nossa casa.

Assinante 67395»

Colaboração e gratidão

«Peço a Deus-Menino que conceda a todos os que com tanto amor cuidam dos gaiatos, nossos irmãos, acolhendoo-os e dando-lhes a família de que precisam, muita saúde, muita paz e tudo quanto é bom e que só o Senhor pode dar! Bem hajam pelo carinho e pelo bem que a leitura do Famoso nos traz, quando entra em nossa casa. Deus vos pague e ajude sempre. Junto um cheque para a minha assinatura e para o que entenderem que é mais urgente. É uma gotinha no oceano das infinitas necessidades, eu sei. É a nossa colaboração e gratidão pelo que fazem aos nossos irmãos.

Assinante 13557»

Terceira idade

«Envio a minha pequena contribuição para a Obra da Rua que tanto admiro e cuja acção e doutrina vou seguindo o evoluir através d'O GAIATO que recebo fielmente e leio sempre que possível.

Peço a bênção de Deus e a força e coragem do Espírito Santo para quantos aí trabalham. Peço também uma breve oração para que eu faça, desta minha 'terceira idade' já avançada, uma caminhada, embora lenta e frágil, para o Pai, o Filho e o Espírito Santo que nos esperam.

Assinante 28285»

Oferta

«Amigos: Para o que mais necessitem...! Com a nossa gratidão pelo vosso trabalho...! Que o Pai do Céu que conhece tudo, vos dê sempre a coragem e a Fé que este trabalho tanto vos pede e que Ele abençoe e guarde os vossos rapazes (a nossa juventude!) debaixo das Suas asas, do Seu amor de todos os dias. Quando se lembrarem, peçam-Lhe por uma família... Ele sabe qual é! Um abraço amigo de

'Nós dois'»

Foi mais um Natal

«Mais uma vez os homens se lembraram do seu semelhante! Dois mil anos e tudo se repete, mas uma vez por ano não basta! São vocês que fazem o Natal todo o ano, tentando que todos os homens percebam que esta alegria, que esta disponibilidade, que esta partilha não cesse no dia 26 de cada Dezembro! Que Deus esteja sempre convosco!

Assinantes de Lisboa»

Vicentino

«Peço desculpa pela importância e de só agora o fazer, mas é com amor e gratidão pela Obra que o Pai Américo fundou, para servir os mais Pobres. Sou vicentino há 35 anos, e os últimos três, após a minha aposentação por motivos de doença, têm sido de uma entrega total ao serviço dos nossos irmãos mais Pobres (material e espiritualmente), pois o Deus de amor nunca abandona aqueles que trabalham e dão testemunho da História da Salvação que Ele está a realizar e quer que a mesma seja extensiva a todos os homens.

Assinante 10802»



A hora da merenda é rica de apetite!

«Segue o nosso contributo e o dos nossos dois filhos. Agradeço todas as palavras do vosso Jornal que, pela sua simplicidade, ilumina a vida material.

Assinante 60723»

«Há muito tempo que leio O GAIATO, e esse senhor tem sido o responsável da pressão que tenho vindo a sentir em decidir mandar uma pequena ajuda. Não é preciso agradecer.

Assinante 37230»

«A nossa oferta pela assinatura e para o que mais vos aflige. O problema é que os que gostam de dar, muitas vezes não podem muito. Vai o que agora podemos. Vibramos com os vossos problemas e rezamos, agradecendo a Deus as vossas alegrias. Se não comunicamos, é porque já nos custa, pela idade.

Assinante 13400»

«Nos dias mais pesados, quando chego a casa desanimada, ler ou reler o Famoso atenua a visão negativa que tenho da vida. Obrigada por tudo. Não enviem recibo! Não me parece justo...»

Assinante 58243»

«Acabei de receber e ler O GAIATO e, como sempre, vejo nele o Evangelho vivo a interpelar-me.

Envio um cheque para as vossas necessidades. Mas os problemas das Casas do Gaiato de Angola fazem-me sofrer... pelo pouco que posso ajudar.

Obrigada pelo bem que me faz O GAIATO.

Assinante 32661»

«Leio atentamente todo o Jornal sempre que posso e fico admirada porque as mais das vezes há dificuldades, mas também esperança e luta para que as coisas vão para a frente. É uma grande evangelização para os corações que andam desanimados ou sem fé! É, na verdade, preciso renascer constantemente.

Assinante 47528»

«Muitas graças damos ao Senhor pela vossa Obra missionária, no nosso País e nos irmãos de África. Sabemos que muito mais deveríamos fazer em prol dos mais carenciados, para além da oração que em família fazemos pelo sucesso da Obra da Rua e dos esparsos donativos que enviamos, mas criam-nos unidos a vós dentro desta insignificante atitude.

Assinante 57042»

«Saudações cordiais. Aproximando-se o memorial da Encarnação, é o momento de nos aproximarmos daqueles que incarnam o ideal da Salvação e da melhor maneira o vão pondo em obra. Consciente, embora, da distância a que fico, aqui vai a expressão da minha vontade.

Assinante 42602»

Notas breves

«Sigo com paixão, desde menina, tudo o que respeita à vossa Obra. O abandono das crianças, em todo o mundo, é coisa chocante e perversa. Tive a felicidade de ter quatro filhos (todos já com vida própria e muito ajuizados). Não suportaria estes novos estilos de vida familiar.

Assinante 6803»

«Considero O GAIATO a continuação dos Actos dos Apóstolos dos nossos dias e com a sua leitura dá para meditar e actuar. Várias vezes documentei os meus encontros de Catequese com os vossos exemplos e leio O GAIATO para o encontro, a fim de que cada criança possa ler os vossos testemunhos.

Assinante 59584»

«Quando leio O GAIATO, sinto-me imperfeito e isso leva-me a fazer um exame de consciência mais profundo. Afinal a vossa Obra não ajuda só rapazes, mas tem um âmbito mais largo: destina-se às pessoas de todas as idades, até aos mais velhos como eu.

Assinante 6086»

«O meu pedido de perdão por ter adiado o envio desta pequena ajuda. É a preguiça. É o... amanhã!

Rezei por mim. Enviei-me O GAIATO que é sempre uma pedrada no charco da vida morna e comodista. Até sempre!

Assinante 22625»

«É de vos dar os parabéns pela riqueza que quinzenalmente entra em minha casa através d'O GAIATO. Ele é o desassombro e a coragem. A Obra, sempre actual, continua a enfrentar com valentia as forças do mal que tentam prejudicá-la, mas ela é de Deus.

Assinante 13747»

«Cada vez mais a falta, a indiferença com que, nos dias de hoje, se olha para os que estão à nossa beira e tanto precisam de carinho e de amor cristão! É por isso que tanto me satisfaz a leitura do vosso Jornal, em tudo diferente dessa falta de amor. Espero que esta pequena oferta possa ajudar a minorar a dor dos que mais precisam.

Assinante 23508»

MOMENTOS

O nosso lugar

O Alcides, de que falei no último GAIATO, veio muito contente saudar-me: — *Então, você falou de mim no Jornal!*

Muito apreciam os rapazes a sua notoriedade. É um sinal positivo que também nos delicia.

— Que disse eu? — Lá me relatou alegre e fielmente o que a seu respeito escrevi no último número.

É uma figura simpática e extravagante, este moço. Com dificuldade nos pés, bamboleia o longo corpo, num caminhar característico irradiando a boa disposição dos simples. É negro, mas com as maçãs do rosto e lábios muito encarnados cuja cor ultrapassa a própria negridão.

Olhar meigo e vivo, reflecte bondade e inteligência.

Na Aldeia dos Rapazes tornou-se uma personagem inconfundível pela sua natureza.

Regressou há um mês de uma fuga com a mãe, no início do ano escolar. Voltou por sua iniciativa, percorrendo três centenas de quilómetros de comboio e a pé.

Por incapacidade da família para o educar e criar, tinha-nos sido entregue pela autoridade legal.

Após a fuga informámos imediatamente quem de direito. Já sabemos, por experiência amarga, que

raramente resultam as nossas diligências.

Tudo está bem no papel, nos códigos e na propaganda política, mas quando descemos ao concreto, e a este especial, da criança desamparada, é um desconforto por mais que se multipliquem os organismos estatais, camarários, ou dependentes do regime. É raro encontrarmos quem se doa e aja em conformidade.

Deparamos, sim, amiudadas vezes, com gente a olhar sempre para a sua carreira: — É necessário que os processos estejam correctos, a papelada em ordem segundo as Leis e as disposições hierárquicas. Mesmo assim aparece sempre uma desculpa para qualquer incumprimento: — Não há meios, não há verba, não é conosco, etc.

O menor andou por lá desde Setembro até agora sem Escola!

Frequenta a quarta-classe. Ninguém disse uma palavra!...

— Porque voltaste?
— *Foi a minha avó. Ela disse-me que eu cá fora, dava uma desgraça. Achei que ela tinha razão e vim!*

O caso do Alcides é um dos muitos que por nós passam. Também por isso nos chamamos Obra da Rua. Não nos amparamos em mais ninguém nem nada mais nos move, que não seja o Amor da criança desampa-

rada. O Amor pela Pessoa de Deus que cada um é.

Colaboramos gratuitamente com o Estado gemendo as suas lacunas e sofrendo a arrogância de alguns agentes quando se arvoram em inspectores e vêm às Casas da Obra com a legislação à frente, para impor uma fiscalização!

Nada mais vazio de autoridade e abusivo de poder!...

Inspeccione-se, sim, os serviços do Estado, os que dele procedem por qualquer razão.

Não dependemos do Estado em nada, nem para alimentar os rapazes nem para as nossas obras nem para os transportes nem para nos apetrechamos. Dependemos, sim, do Povo. Os homens de boa vontade que nos podem inspeccionar sempre e, a qualquer hora, como porta aberta que somos.

O Estado pode ter poder legal para se impor à Obra. Mas autoridade legítima, terá de a ganhar. Ninguém lhe reconhece.

Quando tiver resolvido bem ou melhor do que a Obra a aflitiva situação de tanta criança e, nós, para nos mantermos, formos obrigados a arranjar clientela, sim. Então o Estado terá autoridade para se intrometer na Obra. De outra forma não.

Esquecem-se estes portentosos senhores que a finalidade da Obra da Rua é acabar consigo quando desnecessária. Quando não for precisa porque não houver pobres, nem crianças abandonadas. Nessa altura, sim, a Obra da Rua fechará as suas portas. Terá cumprido a sua missão.

BENGUELA

Estamos presentes

GOSTO da imagem da árvore, quando penso na Obra da Rua e no seu projecto. Quantas vezes, sentado na biblioteca, na companhia de pessoas que visitam a nossa Casa, tento explicar o que é a Obra da Rua, a partir de uma árvore desenhada num papel, pendurado na parede. Tudo simples. Foi assim que uma estagiária do Instituto Social interpretou a Obra da Rua.

É uma árvore com seus ramos bem definidos, cada um com sua missão: As Casas do Gaiato com seus Lares; o Património dos Pobres que evoluiu para os pequenos auxílios à construção de casas para famílias pobres; o Calvário para os doentes incuráveis; o Jornal O GAIATO.

A vida da árvore é a vida dos seus ramos. Hoje, o meu pensamento vai para o Jornal O GAIATO. É festa do seu aniversário. São 58 anos. Não entendo a Obra da Rua sem algum dos seus ramos. Mas, como seria possível levar a Obra ao

Ao que me levou o regresso do Alcides?!...

Um pensador francês, escrevia há trinta anos: «A lei volta-se cada vez mais contra a realidade humana que pretende servir».

É o caso.

Padre Acílio

coração da terra que lhe dá vida, sem O GAIATO? A terra sois vós. Quanto bem espalhado nos quatro cantos do mundo! Quantas consciências reconciliadas consigo próprias e com os outros! Nasceu pequenino. Continua pequenino e faz

coisas grandes. Somos testemunhas e dais testemunho. Na festa do aniversário estamos presentes, os de fora e os de dentro. O GAIATO faz comunhão. Quem dera mereça sempre o elogio: «Porque O GAIATO não traz literatura, letras mortas, mas pedaços de vida, dessa vida universal, sem barreiras sociais, nem raças, dessa Vida com letra maiúscula...» Não estará aqui o segredo da sua perenidade? Bem haja!

Padre Manuel António

SETÚBAL

Falar de Vida

FALAR d'O GAIATO é falar de vida.

Tal como a vida está escondida no coração do homem ou sob a aparência das coisas, assim as palavras deste, transportam-na, dada e recebida, escondida na aparência do papel e na simplicidade do grafismo.

Só pode haver Vida onde há gratuidade. Na vida tudo é graça e de graça: a uns cabe dá-la generosamente; a outros recebê-la na mesma moeda. Não se pode pôr um preço nem limites à vida.

Quem a põe aqui, fá-lo graciosamente; a quem a recebe daqui, nada é exigido — somente procurá-la.

Descobri-la, exige sempre um passo primeiro: retirar da categoria dos valores a aparência em que ela vem disfarçada. Quase sempre vem em trajes humildes, por vezes repelentes. Anda normalmente escondida ao primeiro olhar.

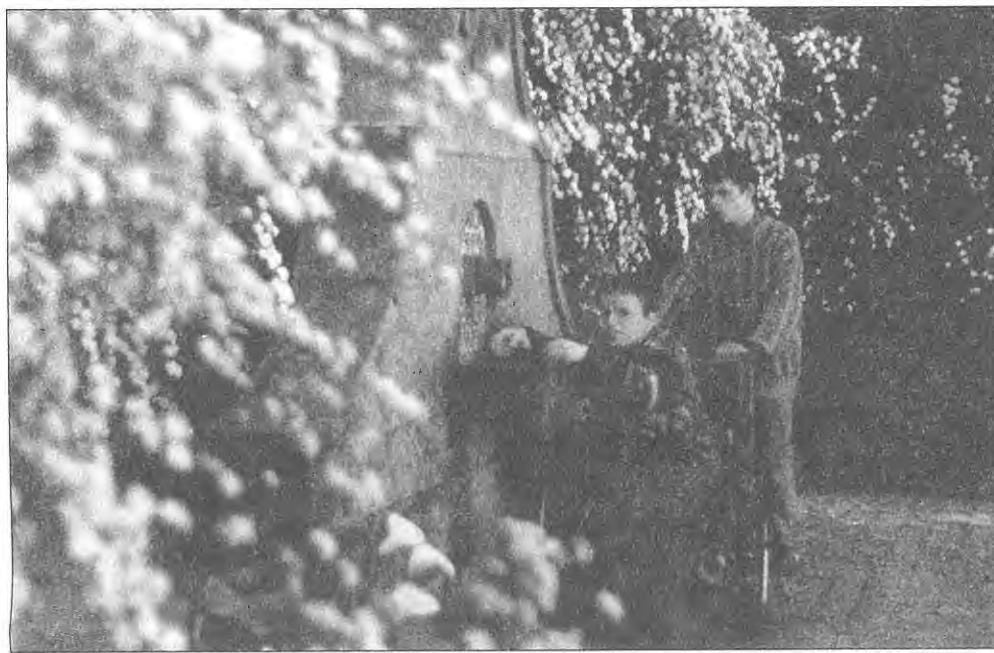
A vida não é um fim em si mesmo — quem quiser ganhar a Vida há-de perdê-la, diz Jesus. A vida é para se transmitir e multiplicar. Por isso, é preciso que o grão de trigo se deixe morrer para dar muito fruto.

Daqui vem que a Vida não morre, nem pode morrer. Quem a tem, vive para sempre.

Aparentemente o grão de trigo morreu; mas apenas se transformou. Como é relativo e de pouco valor a aparência das coisas!

Os lírios do campo secam e são levados ao fogo. Os grãos de trigo secam e são transformados em pão, depois de colhidos e levados ao celeiro entre cantares de alegria.

Padre Júlio



CALVÁRIO

Aparece sempre, Senhor!

De rastos, estendendo a mão, pede esmola a quem passa. Estorva o caminho e muitos desviam-se para não ouvirem lamúrias. Este rapaz andrajoso impressiona quantos são obrigados a utilizar aquela estrada.

Pedem-me que o receba e digo que sim. O alívio é geral.

— Fiquei contente em Te lembrares mais uma vez de mim. Lembras-Te todos os dias. Sabes que gosto dos que ninguém estima. Que amo os que ninguém ama. Que prefiro os que ninguém aceita. E bates-me à porta para que deles cuide. Sinto-me feliz por Te lembrares de mim. Bem sei que não sou eu quem os ama, os prefere. És Tu. Sei que queres apenas servir-Te deste pobre. Tu gostas do fraco. Utilizas sempre os mais fracos para que todos vejam que és Tu, e só, Quem realiza, Quem opera, Quem faz as coisas.

Que eu seja servo maleável em Tuas mãos para tomar nas minhas aqueles que ninguém quer.

Aparece sempre, Senhor, com os teus amores, que eles também são meus!

Padre Baptista

ENCONTROS EM LISBOA

Caminhada cristã

ENVOLVIDOS pelos apelos quaresmais que a Igreja, nas suas diversas instâncias, nos lança, dei comigo a tentar perscrutar não só a caminhada de grandes figuras da Sagrada Escritura, mas também de todo o Povo de Deus. É um mundo de movimento.

Abraão sente o chamamento de Deus e parte da sua terra. Moisés, depois de muitas hesitações, escuta o chamamento para sair do Egipto acompanhado por todo o seu povo. Quando se pensava em segurança o Povo de Deus foi mandado para o exílio. Depois é convocado para regressar do exílio, cantando cânticos jubilosos. No Evangelho, o encontro com Jesus continua a ser marcado pelo movimento: é o «vem e segue-Me», mas é também o «ide por todo o mundo».

Todas estas «peregrinações» têm uma coisa em comum. Durante a caminhada há como que uma outra caminhada que se dirige do exterior para o interior da pessoa, de modo

que quem partiu chega transformado.

No nosso tempo, numa sociedade em constante movimento, falta-nos tempo para emprendermos esta viagem até ao nosso interior. É difícil porque exige um olhar-nos a partir de dentro e nós gostamos muito mais das exterioridades...

Numa Sexta-feira da Quaresma, como é costume, fizemos aqui em Casa a Via-Sacra. Foi um caminhar com Jesus, olhando para a nossa vida. Esta Via-Sacra teve, para mim, um final

inesperado. Um dos meus rapazes, de treze anos, veio ter comigo e disse-me: «Durante a oração pensei que fiz uma série de porcas e venho pedir desculpa».

Aqui está o cerne da caminhada cristã, numa linguagem simples e, talvez, pouco ortodoxa. Podemos caminhar em muitas direcções... Enquanto não caminarmos em direcção ao nosso interior pouco ou nada acontecerá para nós e para os que nos rodeiam.

Padre Manuel Cristóvão

5 de Março de 1944

Continuação da página 1

clara das nossas fragilidades e limitações. Mas não podemos negar que esta imensa convergência de pensar e de sentir nos conforta e nos alenta para as tantas contrariedades e contradições de que a vida é cheia. Tomamo-la como dom de Deus sem o qual não haveria forças para resistir e continuar. E endossamos-LHE, só a Ele, toda a honra e glória e a nossa acção de graças.

Padre Carlos